

Horta Natural, ancestralidade e tempo espiralar como estratégia pedagógica.

Vegetable Garden, ancestry, and time in a spiral as a pedagogical strategy.

Huerta Natural, la ascendencia y el tiempo en espiral como estrategia pedagógica.

José Macio Rodrigues Ribeiro¹

<https://doi.org/10.70678/sala8.v1i12.1983>

Relato de Experiência

Linha de pesquisa: Educação na Saúde

RESUMO

A relação entre o ser humano e a natureza sofreu transformações nas últimas décadas devido à urbanização acelerada e à agricultura convencional baseada em insumos químicos. Essa desconexão com a terra tem gerado degradação ambiental e declínio na saúde física e mental das populações. Diante desse cenário, o estudo apresenta um relato de experiência qualitativo, fundamentado na premissa de Gil (2025), sobre o projeto interdisciplinar "Horta Natural". A iniciativa foi idealizada pelo corpo docente da ETI Cônego, pertencente à rede municipal de ensino de Gravatá-PE, com o objetivo principal de promover nos estudantes habilidades voltadas à sustentabilidade, à reciclagem e ao desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis.

Palavras-chave: Horta Natural. Ancestralidade. Tempo espiralar.

ABSTRACT

The relationship between humans and nature has undergone transformations in recent decades due to rapid urbanization and conventional agriculture reliant on chemical inputs. This disconnection from the land has led to environmental degradation and a decline in the physical and mental health of populations. Against this backdrop, this study presents a qualitative account of the interdisciplinary "Horta Natural" (Natural Garden) project, based on the premise established by Gil (2025). The initiative was conceived by the teaching staff of ETI Cônego, part of the municipal school system in Gravatá, Pernambuco, with the primary goal of fostering skills among students related to sustainability, recycling, and the development of healthy eating habits.

Keywords: Vegetable Garden. Ancestry. Spiral Time.

RESUMEN

La relación entre los seres humanos y la naturaleza ha experimentado transformaciones en las últimas décadas debido a la rápida urbanización y la agricultura convencional dependiente de insumos químicos. Este distanciamiento de la tierra ha provocado la degradación ambiental y un deterioro de la salud física y mental de las poblaciones. En este contexto, este estudio presenta un análisis cualitativo del proyecto

¹ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mestre em ensino das ciências ambientais/educação, Gravatá/PE, e-mail: maciorodrigues@hotmail.com

interdisciplinario " huerta Natural", basado en la premisa establecida por Gil (2025). La iniciativa fue concebida por el personal docente de ETI Cônego, parte de la red de educación municipal de Gravatá, Pernambuco, con el objetivo principal de promover, entre los estudiantes, habilidades relacionadas con la sostenibilidad, el reciclaje y el desarrollo de hábitos alimenticios saludables.

Palabras clave: Huerta Natural. Ancestros. Tiempo espiral.

1 Introdução

A contemporaneidade impõe urgência na redefinição das relações entre humanidade e ambiente. Em contraposição aos modelos predatórios e acelerados ditados pela lógica do capital, emerge a necessidade pedagógica e social de resgate de saberes ancestrais e práticas sustentáveis de cultivo. Neste cenário, o presente relato de experiência socializa as vivências e reflexões construídas a partir de uma imersão na zona rural do município de Chã Grande (PE), a qual fundamentou a concepção e a implementação de um projeto interdisciplinar de Horta Natural no contexto da educação básica em Gravatá (PE).

A vivência originou-se no contato com uma experiência local de agricultura natural pautada nos preceitos de Mokiti Okada, que preconiza o respeito às leis da natureza e a restauração do solo sem a utilização de insumos químicos ou agrotóxicos. Essa imersão no campo proporcionou a apreensão prática daquilo que Márcia Wayna Kambeba conceitua como os "saberes da floresta" uma perspectiva ontológica na qual a Mãe-Terra deixa de ser vista como mero recurso explorável e passa a ser reconhecida como sujeito ativo que ensina, cura e dialoga com o ser humano.

Como estratégia de registro e coleta de dados qualitativos durante a imersão, foram produzidas entrevistas em formato audiovisual com as praticantes Rose Moraes e Lourdes Paes, cujos depoimentos registram a vivência e a consolidação do manejo agroecológico tradicional (disponíveis para consulta nos *reels* do Instagram: Registro 1: <https://www.instagram.com/reel/DVRFamOAMot/?igsh=ODJ4bjE5bHI3czhq> Registro 2: <https://www.instagram.com/reel/DVGy4stgFfy/?igsh=aDBINTlwTVvNHdo>).

Nesse contexto de escuta e observação sensível, o manejo agrícola revela-se não apenas como técnica de cultivo, mas como uma performance epistêmica calcada no "tempo espiralar". Enquanto as dinâmicas urbanas e mercadológicas impõem um ritmo de degradação e imediatismo, o cultivo natural convida à desaceleração e ao exercício

da "reexistência" (Kambeba, 2020). Trata-se da materialização do "esperançar" freiriano: uma práxis ativa em que o cuidado com o solo reflete diretamente a preservação da própria humanidade.

As Figuras 1 e 2 ilustram as etapas do desenvolvimento e a vitalidade do manejo observados na zona rural, evidenciando o equilíbrio botânico alcançado por meio do respeito aos ciclos naturais:

Figura 1: Canteiros de cultivo inicial	Figura 2: Desenvolvimento de hortaliças
	
Fonte: Autor (2026).	Fonte: Autor (2026).

Como se observa na Figura 1, os canteiros estruturados acolhem o plantio inicial das mudas em solo preparado organicamente; já na Figura 2, verifica-se a consolidação do cultivo, exemplificado pelo vigoroso desenvolvimento vegetal da cebolinha e da berinjela, demonstrando a viabilidade técnica e a harmonia ecológica de um sistema isento de defensivos sintéticos.

Mobilizados pelo potencial pedagógico dessa vivência, realizou-se subsequentemente uma visita técnica integrando quatro educadores da rede municipal. O intercâmbio entre os docentes e a comunidade produtora de Chã Grande funcionou como catalisador conceitual e prático. A partir do diálogo interdisciplinar e da constatação dos benefícios ambientais, alimentares e subjetivos do cultivo natural, o

grupo de educadores idealizou e desdobrou a experiência na concepção de um Projeto de Horta Natural voltado à comunidade escolar de Gravatá (PE), visando fomentar a conscientização ecológica e a práxis sustentável entre os estudantes. Sendo realizado posteriormente um questionário semiestruturado para os estudantes que participaram do projeto, com o intuito de analisar os principais pontos tratados sobre a atividade.

2 Fundamentação teórica

A relação entre o ser humano e o ambiente natural tem sofrido profundas transformações ao longo das últimas décadas, impulsionada pela urbanização acelerada e pela intensificação da agricultura convencional baseada em insumos químicos. Nesse cenário, a desconexão com a terra reflete-se não apenas na degradação ambiental, mas também no declínio da saúde física e mental das populações humanas.

Frente a essa problemática, a Horta Natural emerge como um espaço terapêutico, educativo e de subsistência essencial. Sob a ótica teórica de Mokiti Okada (1882–1955), pensador e filósofo japonês que idealizou a Agricultura Natural, o cultivo do solo vai além da mera produção de alimentos; constitui um ato de integração cósmica, vitalidade espiritual e preservação da saúde integrativa.

O pilar central da teoria de Mokiti Okada reside no respeito absoluto às leis da natureza e na compreensão de que a terra possui uma força vital intrínseca, capaz de nutrir e desenvolver os vegetais sem a necessidade de aditivos artificiais. Para Okada, a utilização de fertilizantes químicos e agrotóxicos amortece a "vontade de crescer" do solo, comprometendo a qualidade energética do alimento.

"A Natureza pode ensinar-nos tudo. O homem atual, entretanto, confiando demasiadamente na ciência, julga que pode controlá-la e tenta modificá-la conforme sua própria conveniência." (Okada, 2002, p. 45).

Ao transpor esse conceito para a prática das hortas naturais no cotidiano das pessoas, promove-se o resgate da sensibilidade humana perante os ciclos biológicos. O solo, quando tratado como um organismo vivo, transfere essa energia vital diretamente para as hortaliças e, conseqüentemente, para quem as consome, a perspectiva okadiana, a saúde humana é o reflexo direto da pureza dos elementos que assimilamos. Alimentos cultivados por meio da Agricultura Natural possuem não apenas propriedades

nutricionais otimizadas, mas também uma carga fluídica e espiritual que atua na purificação das toxinas acumuladas no organismo humano.

"O alimento ideal é aquele que capta em abundância as energias do Céu e da Terra, transmitindo ao homem a verdadeira força da vida. Os produtos cultivados com adubos químicos perdem essa propriedade e tornam-se causa de doenças." (Okada, 1997, p. 112).

Além do aspecto estritamente nutricional, o manejo de uma horta natural atua como uma prática psicoterapêutica e ecoterapêutica. O contato direto com a terra, o ato de plantar, regar e colher estimulam a atenção plena e reduzem os níveis de estresse e ansiedade. Cientificamente, essa interação valida o que Okada postulava empiricamente: a harmonização com o meio natural reestabelece o equilíbrio homeostático do indivíduo, eliminando a agricultura que agride o solo, em conformidade com (Krenak, 2019):

"A agricultura que agride o solo é a mesma mentalidade que desconecta o ser humano de sua própria natureza. Plantar sem veneno é um ato de adiar o fim do mundo."

Em contribuição Inghan traz:

... a restauração da "teia alimentar do solo" (*soil food web*) demonstra que a interação entre fungos, bactérias e a matéria orgânica em decomposição supre integralmente as necessidades nutricionais das vegetações, dispensando a intervenção de fertilizantes químicos. (Inghan, 2020).

A horta natural desempenha também um papel pedagógico e social transformador. Ela reeduca o olhar do indivíduo para a **Grande Natureza**, despertando o sentimento de reverência e gratidão pela subsistência fornecida pelo planeta.

No âmbito comunitário e residencial, o cultivo de hortas estimula a soberania alimentar e a conscientização ecológica profunda, contrapondo-se à lógica do consumo desenfreado e do desperdício.

"O cultivo da terra aproxima o homem do Criador e desenvolve nele o sentimento de gratidão e amor ao próximo, transformando o egoísmo em altruísmo." (Okada, 2005, p. 89).

Na teoria de Mokiti Okada, o solo não é um elemento inerte, mas um repositório de vitalidade e história cósmica. Essa concepção dialoga diretamente com a noção de ancestralidade defendida por Leda Maria Martins. Para a autora, a ancestralidade não se

restringe a um passado estático e superado, mas se manifesta como uma força motriz imanente, corporificada nas ações, nos ritos e nos saberes partilhados.

Ao manejar uma horta natural, abdicando de quimizações e respeitando os ciclos orgânicos, o indivíduo reativa saberes agrícolas tradicionais que foram gestados por gerações precedentes. O ato de plantar torna-se, portanto, uma performance ritualística de memória.

"A ancestralidade, performada e performativa, não se institui apenas como uma herança do passado, mas sim como um circuito em contínuo processo de atualização, que se reescreve no corpo e na ação do presente." (Martins, 2021, p. 34).

Sob essa ótica, a horta natural funciona como um solo ancestral onde os microrganismos, as sementes crioulas e as técnicas de cultivo herdadas funcionam como narradores de uma história coletiva, integrando o agricultor a uma linhagem de guardiões da Terra.

"O solo é um organismo vivo. Quando alimentamos a vida microbiológica da terra com matéria orgânica, a planta desenvolve sua própria imunidade, dispensando os venenos sintéticos." (Primavesi, 2021)

O maior ponto de inflexão e convergência entre a Filosofia de Okada e a teorização de Martins reside na ruptura com a concepção de tempo linear (passado-presente-futuro isolados em linha reta). Leda Maria Martins cunha o conceito de **tempo espiralar** para explicar as cosmovisões de matriz afro-diaspóricas e indígenas, nas quais o tempo se move em curvas, onde o que foi retorna transformado, e o futuro já se anuncia no aqui e agora.

"O tempo espiralar concebe a temporalidade não como uma sucessão de momentos que se anulam e expiram, mas como um fluxo em curvas reentrantes, no qual o passado habita o presente e o futuro, simultaneamente." (Martins, 1997, p. 62).

A horta natural é a materialização perfeita do tempo espiralar. O ciclo de uma planta, que nasce da semente, cresce, frutifica, morre e retorna ao solo como matéria orgânica para nutrir a próxima geração, é a própria espiral cósmica em movimento. Não há descarte absoluto; há transmutação.

Mokiti Okada já sinalizava essa dinâmica ao afirmar que a ordem natural é autorregulável e cíclica. A introdução do tempo espiralar de Martins enriquece essa

visão ao demonstrar que, ao tocar a terra e depositar a semente, o ser humano realiza um ato de simultaneidade temporal: ele acessa a sabedoria do princípio (o passado), opera no manejo atual (o presente) e projeta a sustentabilidade da vida (o futuro).

Para Martins, o corpo é o principal veículo de inscrição desse tempo espiralar e dessa memória ancestral. Na horta natural, o esforço físico, o toque na terra úmida e a observação dos astros e das estações não são meras tarefas mecânicas, mas uma linguagem corporal que sintoniza a frequência humana à frequência do planeta.

Integrar a horta natural ao currículo exige do educador uma postura de mediação que integre a teoria acadêmica à prática sensível. O espaço da horta não deve ser utilizado de forma puramente técnica ou punitiva, mas sim como um ambiente de encantamento e descoberta.

O professor, ao guiar os estudantes entre os canteiros, pode articular a biologia dos vegetais com as narrativas de ancestralidade trazidas pelos saberes tradicionais, permitindo que os alunos percebam o tempo de crescimento da planta (o tempo da natureza) como um contraponto à pressa e ao imediatismo do mundo digital. A horta torna-se, assim, um espaço de alfabetização ecológica e afetiva.

3 Metodologia

O presente estudo configura-se como um relato de experiência de natureza qualitativa, fundamentado na premissa de Gil (2025, p. 11), que preconiza a busca pela essência de um fenômeno, a descrição da experiência vivida por um grupo de pessoas, a compreensão de processos integrativos e o estudo de casos em profundidade. A investigação foi desenvolvida na ETI Cônego, instituição da rede municipal de ensino localizada em Gravatá, no Agreste de Pernambuco, que opera em regime de tempo integral e se destaca pelo compromisso com práticas pedagógicas inovadoras e inclusivas. O projeto, intitulado “Horta Natural”, foi concebido de forma interdisciplinar visando fomentar nos educandos habilidades voltadas à sustentabilidade, à reciclagem e ao cultivo de hábitos alimentares saudáveis, articulando-se com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Para o desenvolvimento da experiência, adotou-se um percurso estruturado em etapas sequenciais. Inicialmente, quatro educadores da instituição realizaram uma visita técnica a uma propriedade rural em Chã Grande (PE), onde vivenciaram uma experiência

consolidada de horta natural e manejo agroecológico. Mobilizados por essa imersão, os profissionais apresentaram a proposta à gestão escolar, viabilizando o alinhamento pedagógico para a montagem da horta no espaço educacional. Em seguida, foi promovida uma oficina formativa conduzida por especialistas do Instituto Mokití Okada, proporcionando aos docentes e à equipe o embasamento teórico-prático sobre o cultivo biológico e a agricultura natural. Na etapa de execução, o projeto mobilizou 200 estudantes do Ensino Fundamental II, com idades entre 11 e 15 anos, organizados em grupos de até seis integrantes que, em reuniões semanais com os professores orientadores, planejaram e confeccionaram os canteiros e estruturas com materiais reutilizáveis e de baixo custo, como garrafas PET, tampinhas, barbantes e tintas. Por fim, realizou-se a aplicação de um questionário semiestruturado para apreender as percepções e os aprendizados dos discentes sobre o processo.

A fim de assegurar o rigor na coleta e na triangulação das informações, empregaram-se como instrumentos de registro o diário de campo do educador, com anotações reflexivas sobre o engajamento e a autonomia dos alunos, o acervo fotográfico e audiovisual do acompanhamento botânico e o questionário semiestruturado aplicado ao término do projeto. Para a caracterização dos participantes da pesquisa, embora 200 estudantes tenham vivenciado as oficinas, delimitou-se uma amostra focalizada composta por 15 estudantes que atenderam aos critérios de assiduidade integral em todas as ações propostas e aproveitamento destacado nas atividades indicadas pelo educador responsável pela disciplina eletiva de horta.

Os dados produzidos por meio dos questionários e dos registros de campo foram submetidos à Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016), cumprindo-se rigorosamente as fases de pré-análise com leitura flutuante, exploração do material para codificação e categorização temática, e o tratamento dos resultados por meio de inferências e interpretações teórico-críticas. Quanto aos aspectos éticos, resguardou-se o anonimato dos sujeitos mediante a atribuição de códigos identificadores, garantindo-se o consentimento dos responsáveis legais para a participação na coleta de dados e o uso de imagem estritamente voltado para fins pedagógicos e acadêmicos.

3.1 Desenvolvimento do Projeto

No dia 24 de setembro de 2025, a Escola em Tempo Integral (ETI) Cônego Eugênio Vila Nova sediou a ação extensionista e pedagógica intitulada “Vivência de Horta Natural”. Desenvolvida de maneira colaborativa entre o corpo docente da instituição e representantes da Fundação Mokiti Okada (seção Recife), a intervenção objetivou promover a saúde integral em suas dimensões física, cognitiva e humana, mediante o manejo de alimentos puros e isentos de insumos sintéticos ou defensivos agrícolas.

A proposta ancorou-se nos preceitos da Agricultura Natural idealizada por Mokiti Okada em 1931, a qual preconiza o respeito à força vital do solo e aos ciclos biológicos como caminho para o equilíbrio ecológico e o despertar da gratidão. A intervenção envolveu discentes matriculados do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II e desdobrou-se em três momentos metodológicos integrados: o acolhimento socioemocional, a problematização dos saberes prévios e a práxis do cultivo, cujos desdobramentos analíticos e contribuições para a aprendizagem são discutidos a seguir.

A primeira etapa voltou-se ao fortalecimento dos vínculos interpessoais e à consolidação de um ambiente acolhedor por meio de dinâmicas de grupo, jogos de conexão e rodas de conversa. Longe de se configurar como mero passatempo, essa acolhida socioemocional funcionou como pré-requisito epistemológico para o trabalho comunitário. A promoção da empatia e o entrosamento discente criaram a base afetiva necessária para o aprendizado colaborativo. Ao serem convidados a interagir em círculo e partilhar expectativas, os estudantes exercitaram a escuta atenta, condição indispensável para a subsequente relação de escuta com a própria terra.

Na segunda etapa, dedicada ao levantamento e à problematização dos saberes prévios, os alunos foram instigados a refletir sobre a conceituação e a função social da agricultura, os impactos dos diferentes sistemas de cultivo contemporâneos, a dimensão ética do agricultor na cadeia alimentícia e o comportamento humano perante os ecossistemas. A emergência das falas discentes revelou uma percepção inicial acentuadamente utilitarista da natureza, reflexo da desconexão urbana contemporânea. Contudo, ao serem confrontados com questionamentos sobre a presença de venenos nos alimentos do cotidiano, os estudantes demonstraram estranhamento e tomada de consciência crítica.

Esse movimento reflexivo encontra ressonância no pensamento de Ailton Krenak (2019), ao admoestar que o modelo produtivo predatório desconecta o ser humano de sua própria substância vital. Ao problematizar a função do agricultor e o uso de agrotóxicos, a vivência permitiu aos educandos compreenderem que o ato de cultivar isento de produtos químicos não constitui apenas uma escolha técnica, mas um compromisso ético e existencial de conservação da vida.

A terceira etapa marcou a culminância prática com a distribuição de recipientes, substratos orgânicos e mudas de hortaliças variadas para a confecção das hortas caseiras e escolares, como ilustra a Figura 3:

Figura 3: Vivências pedagógicas do projeto Horta Natural



Fonte: Autor (2025).

Conforme se observa na Figura 3, o pátio e as salas de aula da ETI Cônego converteram-se em espaços dinâmicos de aprendizagem mão na massa. A experiência tátil com o substrato e com as mudas promoveu o que Márcia Wayna Kambeba (2020) conceitua como a apreensão dos "saberes da floresta". O contato direto com a terra possibilitou aos alunos vivenciar o "tempo espiralar", desacelerando da velocidade digital para acompanhar o ritmo biológico das plantas.

Após a oficina a escola organizou uma eletiva de Horta em que 50 estudantes puderam colocar em prática o aprendizado e produziram diversos itens com sucesso (cebolinha, coentro, alface e couve).

3.2 Resultados

A análise do questionário semiestruturado aplicado à amostra focal dos 15 estudantes assíduos evidenciou profundas transformações perceptivas. Quando questionados sobre o aprendizado derivado do manejo direto do solo, as categorias emergentes nas respostas apontaram para a superação da visão mercantilista do solo e a emergência da consciência ecológica. Um dos discentes destacou: *"Eu achava que terra era só sujeira, mas vi que ela é viva e precisa de cuidado para dar comida saudável sem veneno"* (Estudante C).

Essa constatação empírica alinha-se perfeitamente aos ensinamentos de Ana Primavesi (2021), para quem o solo deve ser compreendido como um organismo vivo e complexo, cuja saúde microbiológica se traduz diretamente na saúde do ser humano. A apreensão prática de que o solo vivo dispensa fertilizantes sintéticos permitiu aos estudantes ressignificar o conceito de nutrição e sustentabilidade.

Ademais, os relatos indicaram o despertar do "esperançar" freiriano (Freire, 2019). A construção dos canteiros com garrafas PET e materiais reutilizáveis demonstrou aos educandos que a transformação da realidade socioambiental não depende de grandes aportes financeiros, mas da práxis engajada e comunitária. Os discentes deixaram a condição de espectadores passivos dos problemas ambientais para se tornarem sujeitos ativos do cultivo sustentável, relatando o desejo de replicar o aprendizado em suas próprias residências.

4 Considerações Finais

O presente estudo buscou analisar as contribuições pedagógicas e ambientais da implementação do projeto "Horta Natural" no contexto da ETI Cônego, em Gravatá (PE), tomando como disparador a vivência realizada em parceria com a Fundação Mokiti Okada e a imersão em experiências agroecológicas na zona rural de Chã Grande. Os

objetivos delineados foram plenamente alcançados, na medida em que a ação logrou fomentar nos educandos habilidades essenciais voltadas à sustentabilidade, ao consumo consciente, à reciclagem de resíduos sólidos e à incorporação de valores éticos referentes à saúde integral.

As principais contribuições da experiência residem na capacidade de integrar a teoria curricular à práxis reflexiva. A vivência permitiu aos estudantes compreenderem o solo como organismo vivo (Primavesi, 2021), reconhecerem a urgência da desaceleração e do respeito aos ciclos biológicos (Kambebe, 2020) e exercerem a autonomia e o protagonismo juvenil por meio do "esperançar" (Freire, 2019). O projeto demonstrou a viabilidade técnica e pedagógica de hortas escolares construídas com materiais alternativos e de baixo custo, revelando-se uma tecnologia social perfeitamente replicável na rede pública de ensino.

Para investigações e ações futuras, recomenda-se o desdobramento de pesquisas longitudinais que avaliem os impactos da horta escolar na alteração real dos hábitos alimentares das famílias dos estudantes a médio e longo prazo. Sugere-se, ainda, a expansão do projeto para a criação de redes interescolares de hortas comunitárias, bem como a investigação da integração permanente das práticas de agricultura natural às disciplinas do núcleo comum curricular da educação básica.

6 Referências

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 190.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRUM, Eliane. **Banzeiro òkòtò: uma viagem à Amazônia centro do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

FUNDAÇÃO MOKITI OKADA. **Agricultura Natural**. Disponível em: <https://www.fmo.org.br>. Acesso em: 21 abr. 2026.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2025.

INGHAM, Elaine R. **The Soil Food Web Approach: restoring soil biology for sustainable agriculture**. Corvallis: Soil Foodweb Inc., 2020.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Saberes da floresta**. São Paulo: Global, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória: O Reinado do Rosário no Jatobá**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do Tempo Espiral: Poéticas do Corpo-Tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MORAN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Pedro Luchi (org.). **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. Ponta Grossa: UEPG, 2015. v. 2, p. 15-33. (Mídias Contemporâneas).

OKADA, Mokiti. **A Arte da Agricultura Natural: Filosofia, Saúde e espiritualidade**. Rio de Janeiro: Editora Lux, 2005.

OKADA, Mokiti. **Agricultura Natural: coletânea de ensaios**. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, [1931] 2010.

OKADA, Mokiti. **Alicerce da Justiça**. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 1997.

OKADA, Mokiti. **Coletânea de Ensinamentos sobre Agricultura Natural**. Vol. 1. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2002.

PRIMAVESI, Ana Maria. Manejo ecológico do solo: a agricultura em regiões tropicais. 2. ed. São Paulo: **Expressão Popular**, 2021.

NOTA: Os autores foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.

Submetido em: /2026

Aceito em: /2026

Publicado em: /2026